

Resenha

Book Review

ARENAS, Luis; DEL CASTILLO, Ramón; FAERNA, Ángel M. (ed.) *John Dewey: una estética de este mundo*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2018. 447p. ISBN 978-84-17358-59-4.^{1,2}

Laura E. Haubert*

Fabio Campeotto**

Claudio M. Viale***

Data de recebimento: 06/03/2020

Data de aceite: 14/04/2020

DOI: 10.23925/2316-5278.2020v21i1p184-190

Desde o final dos anos 1980, a estética de John Dewey saiu do limbo na qual havia sido trancada pela filosofia analítica. De fato, além dos poucos e esporádicos comentários favoráveis, a estética de Dewey (ver, por exemplo, BEARDSLEY, 1966, p. 332), quando não completamente esquecida, sofreu um ostracismo que durou décadas. Retroceder em detalhes as profundas razões que levaram Dewey ao esquecimento por tanto tempo, é uma operação que vai muito além das possibilidades e propósitos desta resenha. De qualquer maneira, no final dos anos 1980, a situação crítica foi muito bem descrita por Thomas M. Alexander: “[e]u vi professores de filosofia contratados lutando para associar o nome [de Dewey] a um sistema de catalogação de bibliotecas ou ao oponente derrotado por Truman.” (1987, p. xi).

Entre as décadas de 1980 e de 1990, o livro de Alexander *John Dewey's Theory of Art, Experience and Nature* (1987), junto com o trabalho de Richard Shusterman,⁶

1 N. do E. Agradecemos a revista *Metafísica y Persona*, da Universidad de Málaga, Espanha, detentora dos direitos de publicação do material original, pela permissão de uso concedida para fins desta publicação. A versão original desta resenha no idioma espanhol será publicada na revista *Metafísica y Persona*, edição n. 24, 2020. Link: <https://revistas.uma.es/index.php/myp>

2 Sem tradução no Brasil.

* CONICET – Universidad Católica de Córdoba, Argentina. E-mail: eliziahaubert@gmail.com

** CONICET – Universidad Nacional de La Rioja – Universidad Católica de Córdoba, Argentina.

*** CONICET – Universidad Católica de Córdoba, Argentina.

3 Ver em particular: Shusterman (1989, p. 60-67), e ver também, Idem, 1998. É importante enfatizar também o capítulo sobre estética de Dewey em Westbrook (1991). Já nos anos 90, destaca-se: Jackson (1998).

têm sido as fontes principais de um interesse renovado pela estética de Dewey, que hoje está fermentando em todo o mundo. Nos últimos anos, juntamente com o sempre presente criticismo-americano, contribuições internacionais cruciais vieram da Itália (DREON, 2012), Japão (UENO, 2016; NAKAMURA, 2019), Grã-Bretanha (ENGLISH, 2019, p. 411-444) e França (COMETTI, MATTEUCCI, 2017), apenas para mencionar alguns países. Esse interesse renovado é evidente, não somente pela contínua publicação de livros com foco em aspectos variados de sua estética, mas também, pelo crescente espaço que reuniões internacionais e revistas acadêmicas estão dando ao tópico.

Consequentemente, uma resenha do livro dos autores espanhóis Luis Arenas, Ramón Del Castillo e Ángel Faerna *John Dewey: una estética de este mundo* representa, portanto, uma ávida oportunidade para mencionar o grande avanço da pesquisa também no mundo de língua espanhola. De fato, tanto a Espanha quanto a América Latina atualmente possuem uma tradição acadêmica consolidada de pragmatismo clássico e estão contribuindo ativamente para enriquecer o debate sobre a estética de Dewey. Nas últimas décadas, de fato, a pesquisa sobre o pragmatismo adquiriu considerável importância e reconhecimento em países como Argentina, Colômbia, México e Peru. Embora não seja um país de língua espanhola, o Brasil também ocupa, dentro do contexto latino-americano, uma posição considerável.¹

Para encontrar as raízes de *John Dewey: una estética de este mundo* temos que voltar a 2014, ao Simpósio Internacional organizado em Toledo, Espanha, em comemoração ao aniversário de 80 anos da publicação de “*Arte como Experiência*”. O livro, editado pelos acadêmicos espanhóis Luis Arenas, Ramón del Castillo e Ángel Faerna, é, portanto, o produto de um longo trabalho que durou quatro anos e envolveu especialistas da Espanha, Argentina, Itália, Polônia e Porto Rico. O volume consiste em dezessete capítulos que, por sua vez, são agrupados em seis seções temáticas. Seu principal objetivo é lançar luz, por meio de abordagens variadas e originais, a um tópico complexo – a estética de Dewey – sempre aberta a novas interpretações.

A primeira das seis seções “Arte y sociedad” inicia com o estudo de Carlo R. Sabariz intitulado “John Dewey y el arte de hacer bien las cosas” que lucidamente aborda a questão, essencial no pensamento de Dewey, da continuidade entre a estética e a vida cotidiana. Para Dewey, arte é uma forma de experiência completa, capaz de materializar-se em qualquer atividade humana quando esta atinge sua consumação – não apenas arte como experiência, mas também “experiência como arte”. Em seu ensaio, Sabariz segue o argumento recentemente aprofundado também por Scott R. Stroud, entre outros intelectuais.²

O capítulo seguinte escrito por José Beltrán Llavador, “En el taller de John Dewey. La experiencia común del arte” aprofunda o vínculo frutífero que Dewey estabeleceu entre a vida artística e a vida social. Beltrán Llavador destaca um ponto focal – frequentemente ignorado pelos críticos – que, por um lado, permite

4 O Encontro Internacional sobre Pragmatismo que ocorre em São Paulo, já em sua 19ª edição é, juntamente com a Revista Brasileira *Cognitio*, um ponto de referência para o avanço dos estudos pragmatistas em nível internacional. Para um estado da arte mais amplo de pesquisa pragmatista na América Latina, veja: PAPPAS, 2011. Também, DI GREGORI, LÓPEZ, 2014; e, QUINTANILLA, VIALE, 2015.

5 Vide: STROUD, 2013, p. 113-133. Também do mesmo autor in MALECKI, 2014.

entender completamente a estética de Dewey em sua longa gestação antes de *Arte como Experiência*, e, por outro lado, cria um forte vínculo entre a estética de Dewey e sua filosofia da educação. Contrastado com as críticas bastante conhecidas de Herbert Read e de Philip W. Jackson – de acordo com ambos, Dewey nunca prestou muita atenção em estabelecer um vínculo entre arte e educação – Beltrán Llavador sugere ler *Arte como Experiência* à luz do trabalho anterior de Dewey no *Laboratory School of Chicago* (1894-1904) de *Democracia e Educação* (1916) e de seu envolvimento, a partir da década de 1920, no projeto educacional da *Barnes Foundation* na Filadélfia.

O terceiro capítulo “La corrosión de la experiencia. Populismo, abstracción y cultura de masas” de Ramón del Castillo pretende superar alguns mal-entendidos e leituras errôneas frequentes da obra *Arte como Experiência*. Primeiro, Del Castillo contesta a tendência generalizada de reconhecer em Dewey uma postura populista em relação à arte. Em segundo lugar, defende a ideia deweyana de uma arte concebida como apolítica. Em terceiro, destaca a distância que Dewey assume em relação a ambos, o naturalismo e o formalismo. Finalmente, ele afirma que, em sua tentativa de reconciliar as artes com a vida cotidiana, Dewey trata com certa cautela as formas modernas de comunicação. Ao fazer isso, ele evita cair em uma apologia perigosa da cultura de massa.³ De particular interesse são as referências aos movimentos artísticos americanos que surgiram sob o *New Deal* de Roosevelt, e a suposta proximidade com o pensamento de Dewey.

Stefano Oliverio, com “El arte y la ‘recreación’ de/en la metrópolis. Consideraciones filosófico-educativas sobre El arte como experiencia” exhibe uma abordagem dupla, política e educacional. Começando com as críticas injustas de Lewis Mumford (1926) contra o excesso de instrumentalismo de Dewey, Oliverio demonstra como, para o filósofo pragmatista, a arte constitui uma experiência capaz de articular a individualidade do ser humano e, ao mesmo tempo, promover a sobrevivência democrática da comunidade. Além disso, o autor aponta um interessante paralelismo entre Dewey e Simmel sobre o tema das grandes cidades, redefine a chave da experiência estética de Dewey na metrópole de Chicago entre 1894 e 1904. Faz-se necessário, em nossa opinião, destacar a referência de Oliverio à proximidade de Dewey ao projeto estético-social que Jane Addams desenvolvia naquela época na *Hull House*.⁴ Portanto, Oliverio historiciza dentro do contexto frenético da metrópole de Chicago, no final do século XIX, o que Ramón del Castillo disse anteriormente sobre a relação entre Dewey e a incipiente cultura de massa. O projeto estético de Addams e Dewey concebe arte como um “instrumento de participação e comunicação autenticamente humanos”, isto é, como uma alternativa às evasões subjetivas fáceis e efêmeras produzidas pela moderna indústria do entretenimento. A declaração de Oliverio sobre a influência

6 Para uma boa visão sobre a relação entre Dewey e a cultura de massa, consultar: POPE, 2011, p. 26-39.

7 Embora exista uma vasta literatura sobre o pensamento sociopolítico e estético de Jane Addams, a conexão entre suas ideias sobre estética e as desenvolvidas por Dewey alguns anos depois, não foi explorada adequadamente. Sobre o projeto de arte de Addams na *Hull House*, consultar: STANKIEWICZ, 1989, p. 35-39. Também: WHIPPS, 2020. Algumas conexões entre a *Hull House* e a estética de Dewey foram descritas em: JACOBS, 2018.

de Chicago na obra estética de Dewey parece ser confirmada por uma carta privada que o filósofo envia a sua esposa Alice em 1894: “[m]orar em Chicago de alguma forma lhe dá a sensação de que a salvação dos Estados Unidos terá que sair de fotos ou de alguma forma de arte [sic].” (HICKMAN, 2008).

A segunda seção “Antecedentes y coetâneos” investiga o legado de dois importantes intelectuais americanos, Ralph W. Emerson (precedente) e George Santayana (contemporâneo), a *Arte como Experiência*. No capítulo escrito por Antonio Fernández Diéz, “Una historia común y más amplia”, Emerson é descrito como uma presença silenciosa, porém, constante, no pensamento de Dewey. Ainda que já exista uma vasta literatura da influência de Emerson na filosofia pragmatista em geral, e na estética em particular,⁵ Fernández Diéz foca nos ensaios e os conceitos similares de experiência desenvolvido pelos dois intelectuais. Com “Notas sobre la presencia de George Santayana en Arte como experiencia de Dewey”, Daniel Moreno identifica similaridades e diferenças entre a estética de Dewey e a de Santayana. É importante enfatizar a escassa literatura sobre este tópico que torna o ensaio de Moreno extremamente interessante e original.⁶ Entre outras coisas, o especialista apropriadamente aponta a posição proeminente que a estética de Santayana ocupa no *milieu* cultural da *Barnes Foundation*.

A terceira seção “Estética y metafísica” destaca as falhas que a estética de Dewey gerou, sem dúvidas, no marco ontológico básico das principais teorias da arte moderna. “El arte, la experiencia y la crisis de la metafísica”, de María A. Di Berardino e Ángel M. Faerna, oferece ao leitor uma visão geral da rejeição de Dewey das perspectivas metafísicas tradicionais. A contribuição seguinte “Implicaciones onto-lógicas de la estética de John Dewey” de Rosa Maria Calcaterra, lança luz sobre a dimensão artística como experiência e sobre seu valor ontológico. A autora toma como ponto de partida da discussão a interpretação foucaultiana da concepção de Kant de arte [*Kunst*]. Por fim, a seção termina com o capítulo escrito por Roberta Dreon intitulado “La ‘distinción de lo estético’ en clave pragmatista. Dewey, Gadamer y la antropología de la cultura”. Neste ensaio, a intérprete mostra uma interessante comparação entre a recusa de Dewey em separar arte e vida e a mesma posição destacada por Gadamer em seu livro *Verdade e Método* (1960). Roberta Dreon enfatiza com perspicácia um ponto que ainda é pouco explorado e é essencial, em nossa opinião, para um completo entendimento da estética de Dewey, a saber, a reconstrução dos contatos entre o filósofo pragmatista e Franz Boas.⁷ Como observado por Dreon “com sua chegada à Universidade de Columbia em 1904, Dewey entrou em contato pessoal com Franz Boas, com quem realizou um seminário entre 1914 e 1915. Seu livro ‘A Mente do Homem Primitivo’ aparece entre as referências bibliográficas de ‘Experiência e Natureza’”.

A quarta seção “Arte y democracia” sugere uma reinterpretção estética de outro tópico crucial do pensamento de Dewey, a saber, a democracia. O capítulo “La experiencia estética como fundamento de la democracia deweyana” de Julio Seoane, analisa as possibilidades da experiência estética para enfatizar os elementos

8 Ver SHUSTERMAN, 1999. Também, LEVIN, 1999.

9 Um bom precedente é o livro de Moreno (2015).

10 Para uma visão mais ampla sobre a relação entre Dewey, Gadamer, Boas e Malinowski, consultar o quarto capítulo do livro de Dreon (2012).

mais atraentes da vida, para estimular a auto formação individual, mas também para agir dentro das estruturas políticas e morais da sociedade. A experiência assim concebida deixa de ser algo meramente privado e assume a forma de uma identidade social coletiva. Este é seguido pelo capítulo escrito por Krzysztof P. Skowroński “Política y estética en el pragmatismo de John Dewey: la idea de la democracia liberal y sus manifestaciones artísticas según El arte como experiencia”. O autor afirma demonstrar, sob uma visão puramente formalista, como a arte sempre foi atravessada pelas mesmas tensões culturais, morais, políticas e religiosas que caracterizam a sociedade. De particular interesse é a abordagem política com a qual Skowroński analisa a crítica de Dewey aos museus em *Arte como Experiência*, que difere explicitamente da visão proposta por Thomas M. Alexander.⁸ Como antes, no texto de Del Castillo, Skowroński também se concentra na relação entre a estética de Dewey e a arte contemporânea.

A quinta seção “Arte y conocimiento”, analisa a relação entre a estética e a ciência de Dewey. O capítulo “¿Es el arte la continuación de la ciencia por otros medios? Notas sobre la estética de Dewey” de Luis Arenas, procura erradicar a difundida ideia (e profundamente errônea) que toma o pragmatismo como uma forma de criptopositivismo. O autor destaca o desdenhoso julgamento de vários intelectuais europeus (Heidegger, Horkheimer e Scheller) sobre Dewey e o pragmatismo em geral. Ao mesmo tempo, apresenta claramente o forte vínculo entre experiência estética, educação e democracia em Dewey. A contribuição seguinte é de Juan Vicente Mayoral intitulada “Unidad, emoción y significado: la estética de Dewey y la experiencia científica”, que mostra, a partir de uma série de exemplos históricos, a intervenção dos valores estéticos, como beleza e harmonia, em teorias científicas.

A última seção “Lo estético y lo orgánico” oferece algumas ideias sobre as propriedades do prazer estético, como ritmo, equilíbrio, emoção, unidade e desejo. Segundo Gregory F. Pappas, no capítulo intitulado “La noción de equilibrio en la concepción de Dewey del ideal de vida”, o conceito de equilíbrio é um valor central para Dewey, não somente na formulação de suas ideias estéticas, mas também em sua ética e em sua concepção geral da vida. O seguinte capítulo “El pulso del proceso estético: una ilustración multicultural de la noción deweyana de ritmo” de Gloria Luque Moya, enfoca nos aspectos mais formais da estética de Dewey. Em particular, esclarece a importância do conceito de ritmo usando o exemplo eficaz da caligrafia chinesa. A contribuição de Guido Baggio “La emoción y el deseo como constituyentes de la experiencia estética” trata da questão do prazer estético e de sua natureza experiencial do ponto de vista psicológico. O capítulo final “La unidad de la obra de arte. Variaciones pragmatistas de un tema leibniziano” de Evelyn Vargas explora a questão da unidade da obra de arte no pensamento de Dewey, por meio de uma comparação com o conceito de unidade de Leibniz.

Para resumir, devido à quantidade e a qualidade de abordagens *John Dewey: una estética de este mundo* representa uma leitura crucial, tanto para os especialistas em Dewey, quanto para os novatos. O principal aspecto a destacar, parte da grande variedade de ideias, são os múltiplos elos entre a estética de Dewey e outros ramos de seu pensamento (filosofia da educação, teoria do conhecimento, teoria social e

11 Vide livro de Alexander citado anteriormente.

política etc.) e entre os filósofos pragmatistas e outros importantes pensadores do passado recente (Boas, Gadamer, Santayana, Simmel etc.). Sem pretender exaurir as discussões sobre os aspectos múltiplos da estética de Dewey, esse livro espanhol é o enésimo exemplo de que a teoria da arte de Dewey não mostrou sinais evidentes de envelhecimento, mas, antes, é um argumento que ainda se encaixa perfeitamente nos tempos e nos problemas modernos.

Referências

ALEXANDER, Thomas M. *John Dewey's theory of art, experience and nature: the horizons of feeling*. Albany: Suny Press, 1987.

BEARDSLEY, Monroe. *Aesthetics from classical Greece to the present*. New York: Macmillan, 1966.

COMETTI, Jean Pierre; MATTEUCCI, Giovanni (ed.). *Après l'art comme expérience. Esthétique et politique aujourd'hui à la lumière de John Dewey*. Paris: Questions Théoriques, 2017.

DI GREGORI, Maria C.; LÓPEZ, Federico E. *Regreso a la experiencia: Lecturas de Peirce, James, Dewey y Lewis*. Buenos Aires: Biblos, 2014.

DREON, Roberta. *Fuori dalla torre d'avorio. L'estetica inclusiva di John Dewey oggi*. Genoa, Milan: Marietti, 2012.

ENGLISH, Andrea; DODDINGTON, Christine. Dewey, aesthetic experience, and education for humanity. In: FESMIRE, S. (ed.) *The Oxford handbook of Dewey*. New York: Oxford University Press, 2019.

HICKMAN, Larry (ed.) *The correspondence of John Dewey*. v. I. Charlottesville: Intalex, 2008.

JACKSON, Philip W. *John Dewey and the lessons of art*. New Haven, London: Yale University Press, 1998.

JACOBS, Mary J. *Dewey for artists*. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 2018.

LEVIN, Jonathan. *The poetic of transition: Emerson, pragmatism and american literary modernism*. Durham, London: Duke University Press, 1999.

MORENO, Daniel Moreno. *Santayana the philosopher: philosophy as a form of life*. Trad. C. Pardon. Lewisburg: Bucknell University Press, 2015.

MUMFORD, Lewis. *The golden day: a study in American experience and culture*. New York: Horace Liveright, 1926.

NAKAMURA, Kazuo. A progressive vision of democratizing art: Dewey's and Barnes's experiments in art education in the 1920s. *The Journal of Aesthetic Education*, v. 53, n.1, p. 25-42, 2019.

PAPPAS, Gregory F. (ed.) *Pragmatism in the Americas*. New York: Fordham, 2011.

POPE, Nakia S. Hit by the streets: Dewey and popular culture. *Education & Culture*. v. 27, n. 1, p. 26-39, 2011.

QUINTANILLA, Pablo; VIALE, Claudio M. (ed.) *El pensamiento pragmatista en la actualidad: conocimiento, lenguaje, religión, estética y política*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica de Perú, 2015.

SHUSTERMAN, Richard. Emerson's pragmatist aesthetics. *Revue Internationale de Philosophie*. v. 53, n. 207, p. 87-99, 1999.

SHUSTERMAN, Richard. Why Dewey now? *The Journal of Aesthetic Education*. v. 23, n. 3, p. 60-67, 1989.

STANKIEWICZ, Mary Ann. Art at Hull House 1889-1901: Jane Addams and Ellen Gates Starr. *Woman's Art Journal*, v.10, n. 1, p. 35-39, 1989.

STROUD, Scott R. Economic experience as art? John Dewey's lectures in China and the problem of mindless occupation. *Journal of Speculative Philosophy*, v. 27, n. 2, p. 113-133, 2013.

STROUD, Scott R. The art of experience: Dewey on the aesthetic. In: MALECKI, W. (ed.) *Practicing pragmatist aesthetics: critical perspectives on the arts*. Amsterdam: Rodopi, 2014.

UENO, Masamichi. *Democratic education and the public sphere: towards John Dewey's theory of aesthetic experience*. New York: Routledge, 2016.

WESTBROOK, Robert B. *John Dewey and American democracy*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1991.

WHIPPS, Judy D. Humanities as a source of resilience in Jane Addams Community activism. In: PARKER, K. A.; KEITH, H. E. (ed.) *Pragmatism and American philosophical perspectives of resilience*. Lanham: Lexington Books, 2020.